

PEQUENA ANÁLISE SOBRE O SUJEITO EM FOUCAULT: A CONSTRUÇÃO DE UMA ÉTICA POSSÍVEL

Tiaraju Dal Pozzo Pez (Especialização em Ensino de Sociologia – Uel)

PALAVRAS-CHAVE: sujeito, poder, ética

Falando sobre seu pensamento, Foucault disse que o alvo dos seus trabalhos não era o fenômeno do poder, mas criar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos tornam-se sujeitos. Podemos dizer que o que ele pretendia era estudar as formas de constituição do indivíduo moderno. Em sua obra, Foucault se refere a mecanismos de objetivação e de subjetivação que concorreriam como processos de constituição do indivíduo. Os primeiros são os mecanismos que tendem a fazer do homem um objeto, ou seja, se referem aos processos disciplinares que tendem a tornar o homem dócil politicamente e útil economicamente. Os segundos se referem aos processos que em nossa sociedade fazem do homem um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como sua.¹

É necessário cautela quando pensamos o significado dos conceitos de indivíduo e sujeito na obra de Foucault. Quando dizemos que os mecanismos de objetivação e subjetivação produzem o indivíduo moderno, pode-se afirmar que o termo sujeito serve para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece enquanto sua. É nesse sentido, que podemos dizer que a análise de Foucault não começa pelo Sujeito, mas consiste em pensar os processos de objetivação e subjetivação que antecedem à constituição deles. Fazendo a Genealogia desses processos Foucault “*explicita a identidade do indivíduo moderno: objeto dócil-e-útil e sujeito*”. Nesse sentido, sua análise também vai corroer mais um dos grandes pilares da filosofia ocidental: o sujeito do conhecimento.

¹ O uso que Foucault faz dos conceitos de objetivação e subjetivação em sua obra não tem um sentido único. Por vezes parecem designar fenômenos semelhantes, por vezes diferentes aspectos de um mesmo fenômeno e, por vezes, ainda, fenômenos distintos.

Em consonância com o pensamento de Nietzsche, Foucault anunciou em *As palavras e as Coisas* “a morte do homem”. Por causa disso foi “tachado” de anti-humanista, só para citar um dos adjetivos que lhe foram aplicados depois de tais palavras. Mas, o que ele queria afirmar com tal anúncio? Queria mostrar que não coloca o homem como base, ponto central, ponto de partida do seu pensamento e nem o concebe como uma - “[...] realidade plena, o ser concreto que vive, luta, trabalha, fala, e que conquistou a natureza, subjuguou suas forças e sobre ela estabeleceu um império[...].” (Bruni, 1989, p. 199-200). Foucault não toma o sujeito como uma essência pré-histórica, ou a-histórica, nem como condição primeira de todas as coisas. Ele também não tem o sujeito como núcleo central, a partir do qual seriam construídos todos os outros conceitos que formariam seu pensamento que, assim, seria um projeto para mostrar o homem construindo sua própria libertação do jugo do poder. Nas palavras de Bruni:

“Ponto de partida do saber moderno, o Homem é concebido como sujeito ativo, autor de seu próprio ser, seja destinado à revolução, à liberdade ou à conquista da natureza. É no interior de um projeto em que seu ser *deve se realizar* que o Homem se revela como sujeito, construindo-se a si próprio. É no interior do projeto que os obstáculos à realização do Homem deverão ser analisados, como outras tantas figuras de sua finitude: a alienação, a morte, o inconsciente...” (Bruni, 1989, p. 200).

Percebe-se que não existe em Foucault um sujeito pré-estabelecido do qual emanaria as relações de poder. O sujeito do conhecimento é constituído, produzido dentro de uma conjunção de estratégias de poder. Ou seja, o sujeito é um produto das relações de poder, não seu produtor. Não há um sujeito essencial que estaria alienado por ideologias, por relações de poder que encobririam sua visão da realidade. O sujeito do conhecimento é produzido pelas relações de poder, ou melhor, o que chamamos sujeito é um enunciado social. Dessa forma podemos chamar os indivíduos de loucos, normais, gordos, revolucionários, sujeito deste ou daquele discurso que será reclamado pela medicina, pela psicologia, pelas ciências sociais. De acordo com Nalli

“(...) antes o indivíduo é compreendido como o efeito de uma conjugação estratégica de forças, pelas mais diversas tecnologias de constituição dos indivíduos, gerando delinqüentes, desviantes sexuais... que propiciam o surgimento

de novos saberes, reclamando o estatuto de cientificidade e de tal forma que se configurem como verdadeiros (...)” (Nalli, 2000. p, 121).

Para Foucault, como poderemos perceber nas palavras de Nalli, o homem é apenas uma figura do saber contemporâneo. É, antes de tudo, objeto de poderes, ciências e instituições. Com tal modo de pensar, Foucault, não só desestabiliza o sujeito em geral, mas também força os pilares centrais das três maiores visões filosóficas contemporâneas: a classe trabalhadora (sujeito do marxismo); a consciência da fenomenologia e a ciência tal qual apresentada pelo positivismo.

O sujeito seria um composto histórico. Uma determinada identidade produzida por forças em um determinado período histórico. O homem concebe essa identidade como sendo sua. Vejamos uns exemplos do que estou falando:

O homem da Idade Média só pode ser concebido enquanto ligado, enquanto “produto” de forças (relações de poder) verticais infinitas que o “conectavam a Deus”. O homem se reconhece enquanto parte deste infinito (Deus). Toda sua vida, seu destino, sua forma de conceber as coisas, estão conectadas a essas forças. Podemos chamar essa forma de existência de *subjetividade vertical*.

O homem moderno é um composto formado por outras forças, é uma identidade que rompeu esses laços com o infinito, está ligado a forças finitas. As relações de poder (forças) são de outra ordem e, portanto, o homem (essa identidade moderna) se reconhece enquanto limite e potência de si mesmo. Sua percepção de si mesmo não vai além do seu próprio corpo. É o homem máquina pensado por La mettrie. Podemos chamar essa forma de existência de *subjetividade pontual*.

E o homem hoje? Como nos reconhecemos? A que forças (relações de poder) estamos ligados e nos produzem? O homem hoje não é mais a ponta de forças verticais que “descendem dos céus” (talvez essa infinitude não permitia a conceituação do homem por si mesmo, sua “subjetividade” não estava dentro de si, ela extravasava infinitamente, ou seja, o homem só se concebia mediante a figura de Deus); Ele também não é limitado pelo corpo, ou seja, o homem atual não mais se concebe enquanto “apenas” um corpo. O homem “pós-moderno” é virtual, ele viaja por fios telefônicos, ele está conectado ao computador,

ele pode estar em vários lugares ao mesmo tempo (podemos até questionar as leis da física moderna). Podemos chamar essa forma de existência de *subjetividade virtual*.²

Com esse exemplo quis mostrar que o homem (sujeito) em Foucault, como já dito, é histórico, é uma identidade, um composto produzido por relações de poder. Nesse sentido, quando Foucault postula a “morte do homem” quer dizer que é possível construirmos novas formas de subjetividade, novas formas de existência. É por conceber o homem como uma “entidade” sacra que os críticos o acusaram de anti-humanista.

Como pensar uma nova forma de viver hoje? É possível sairmos dessa condição de sujeição na qual nos encontramos? É possível um “fora” da vida como outra vida? É possível criar novas formas de subjetivação? Se todas as nossas relações são relações de poder, como pensar a liberdade, a ética em Foucault?

Para pensarmos a questão da liberdade em Foucault é necessário mostrar que no seu pensamento não é possível concebermos o conceito de dominação de forma estática ou absoluta como a teoria política clássica a concebe, nem podemos pensar qualquer ponto de exercício de poder somente como unilaterais ou bilaterais, eles são múltiplos. Vejamos o que queremos afirmar com isso, utilizando um exemplo: Imaginem duas pessoas num bar. Uma delas começa a direcionar o olhar à outra para mostrar que está interessada. A outra ao perceber o interesse por um momento retribui o olhar – para mostrar que viu – e posteriormente não olha mais. Esta relação não é uma relação livre de poder, pois no mínimo ao não olhar mais a segunda pessoa criou uma “hierarquia” na qual ela ficou um posto acima (situação dominante). A segunda pessoa ao não retribuir o olhar, ela estrategicamente pretende fazer com que a primeira pessoa “suplique”, persista na tentativa de conquistá-la. Esta situação é muito instável, pois, pode ser que essa estratégia cause o desinteresse da primeira pessoa ou pode ser que apareça uma terceira pessoa que interesse para a primeira pessoa.

Esse exemplo nos mostra que ao pensar as relações de poder como dispositivos estratégicos não é possível conceber a dominação tal qual ela é concebida classicamente. No pensamento foucaultiano só podemos falar em “momentos de dominação”, ou seja, ao

² Esses exemplos não pretendem caracterizar de forma total o homem da idade média ou o homem hoje. É apenas uma forma de mostrar que o que chamamos Homem não está fora da história ou é uma essência contínua que não mudaria com e na história.

negar que o poder é uma coisa que uns (ou um) possuem e outros (outro) não; que o poder tem um centro privilegiado (Estado, uma classe, um indivíduo), fica difícil conceber a oposição clássica dominantes/dominados. Por exemplo: perde-se em Foucault a idéia de uma classe que detém o poder (a burguesia) e, por isso, cria ideologias para mascarar a “verdadeira realidade” e de uma classe que não detém o poder (o proletariado) que sob determinadas condições poderia tomar o poder e construir uma outra forma de sociedade. Essa concepção congela, desclassifica, dissolve inúmeros conflitos, inúmeras reviravoltas que fogem aos limites impostos pela idéia de classe social. A própria história fica limitada a “história das lutas de classes”. Ao conceber relações de poder, concebe também uma instabilidade nas posições de exercício de poder. A qualquer momento uma idéia pode ser contestada, uma regra substituída, uma relação social modificada, um outro espaço criado, uma nova norma estabelecida.

Com o exemplo também podemos perceber que em Foucault qualquer ponto de exercício de poder é múltiplo. Nesse sentido as relações de poder são melhor representadas por feixes e não por uma linha, ou seja, uma pequena relação de poder está ligada e pode gerar inúmeras outras totalmente imprevisíveis quanto ao seu sentido. Vejamos o exemplo da paquera. Temos uma relação de poder quando a segunda pessoa deixa de olhar para a primeira pessoa. Ao fazer isso: _ pode abrir espaço para que a primeira pessoa comece a paquerar outra pessoa que por sua vez pode aceitar a paquera ou pode fazer o mesmo jogo que a segunda pessoa do nosso exemplo fez; _ pode aparecer uma terceira pessoa e paquerar a pessoa número um do nosso exemplo; _ pode ser paquerada por alguém e se interessar. É nesse sentido que as relações de poder em Foucault se constituem uma rede que perpassa toda a sociedade. Acreditamos que a melhor representação para elas seria uma raiz. Não há, portanto, dominação absoluta e controle das relações por um órgão privilegiado ou um sentido único para as relações de poder.

Nessa instabilidade angustiante como pensar a liberdade e a ética? Que sentido tem colocar a questão da liberdade e da ética em uma filosofia que afirma o desaparecimento do sujeito e a “morte do homem”?

E justamente por não tomar as relações de poder como dominação absoluta que é possível pensar a questão da liberdade em Foucault. Aliás, ao pensarmos a liberdade em

Foucault devemos tomar as mesmas preocupações em relação a questão do sujeito e do poder. Quais são: a liberdade Foucaultiana supõe o abandono de uma essência humana que estaria atravancada, escondida, amarrada pelo poder. A liberdade em Foucault não é uma substância essencial, mas ela deve ser constituída em meio as lutas políticas, ou seja, não é uma forma essencial a-histórica, mas sim é produzida e tem diferentes configurações nos diferentes “períodos” históricos. Por isso Foucault utiliza a terminologia “práticas de liberdade”.

As relações de poder que se estabelecem entre diferentes sujeitos, Foucault chama de Práticas de liberdade política e a relação do sujeito consigo mesmo chama de Práticas de liberdade ética.

Percebemos que liberdade e poder não são práticas que se excluem, ou melhor, o fim de uma não supõe o início da outra. O exercício da liberdade, para Foucault, é um exercício de poder, ou seja, não há exercício de poder³ onde não há nenhuma possibilidade de ação e também não há exercício de liberdade onde não há exercício de poder. Nas palavras de Foucault, citadas por Castro:

“[...]El poder no se ejerce sino sobre ‘sujetos libres’ y en la medida en que ellos son ‘libres’. Entendemos por esto sujetos individuales o coletivos que tienen ante ellos un campo de posibilidad donde pueden darse muchas conductas, muchas reacciones y diferentes modos de comportamiento. Allí donde las determinaciones están saturadas, no hay relaciones de poder. La esclavitud no es una relación de poder cuando el hombre está encadenado (entonces se trata de una relación física de coerción), sino justamente cuando puede desplazarse y, al limite, escaparse. No hay pues un cara a cara Del poder y de la libertad, con una relación de exclusion entre ellos (en todo lugar donde se ejerce el poder, desaparece la libertad); sino un juego mucho más completo. En este juego, la libertad aparece como la condición de existencia del poder” (Castro, 2004. p, 202).

Como já escrito, para Foucault, o poder se constitui como uma rede que perpassa toda a sociedade, porém não devemos de forma alguma achar que para Foucault não havia saída, que ele próprio não busca uma saída, que a dominação é absoluta. Para Foucault todos os pontos de poder constituintes da rede constituem também uma possibilidade de

³ Essa relação entre liberdade e poder é possível porque Foucault não liga como condição de existência de um indivíduo, grupo ou classe dominante a posse do poder e como condição de existência de um indivíduo, grupo ou classe dominada o exercício da liberdade entendida como luta pela posse do poder e assim emancipar-se.

resistência. Se não houvesse nenhuma resistência não haveria nenhuma mudança. No comentário de Deleuze:

“(…) uma sociedade nos parece definir-se menos por suas contradições que por suas linhas de fuga, ela foge por todos os lados, e é muito interessante tentar acompanhar em tal ou qual momento as linhas de fuga que se delineiam. Seja o exemplo da Europa hoje: os políticos ocidentais tiveram muito trabalho para construí-la, os tecnocratas para uniformizar regimes e regulamentos. Mas a surpresa pode vir por parte das explosões entre os jovens, as mulheres, em função da simples ampliação dos limites (isto não é “tecnocratizável”); por outro lado, é engraçado pensar que esta Europa já está completamente ultrapassada antes mesmo de ter começado, ultrapassada pelos movimentos que vêm do leste. São linhas de fuga sérias” (Deleuze, 1998. p, 212).

Percebemos na citação, que Deleuze também não preconiza uma dominação absoluta, ou seja, com Foucault percebemos que o exercício do poder sempre provoca ou deixa fraturas nas quais uma outra ou outras formas de exercício de poder (liberdade e a ética) podem se constituir e ser praticadas.

As relações de poder são colonizadoras, ou seja, tentam tornar norma, prender na “Jaula de Ferro” toda relação (que é de poder também), toda existência que tenha, que pratique outras regras, outras formas de ver o mundo. Vejamos nas palavras de Foucault:

“[...] Freud formulou uma teoria relativa à natureza precocemente sexual das crianças. É claro que os psiquiatras não esperavam que as crianças se prestassem a verdadeiros atos sexuais; contudo, não era tão fácil explicar a maneira como elas sugavam o seio ou buscavam automaticamente tal ou tal parte erógena de seus corpos. Infelizmente, logo depois, chegou-se a conotar em termos sexuais até o alimento que a criança comia, as histórias em quadrinhos que lia, ou os programas de televisão que via. Poder-se-ia facilmente concluir que, em tudo isso, os psicanalistas liam mais do que havia realmente. Assim, essas crianças são hoje enquadradas por um mundo orientado sexualmente – criado acidentalmente para eles e não por eles -, trata-se de um mundo que, nessa fase de desenvolvimento, oferece-lhes poucas vantagens” (Foucault, 2003. p, 312 -313)

É necessário tomar cuidado quando falamos que todas as relações são relações de poder para não deduzirmos disso que todas são iguais. As relações de poder que são práticas de liberdade são relações que vem de fora (extra-norma) e as outras formas de

relação são intra-norma. Ou seja, as práticas de liberdade (tanto políticas quanto éticas) são outras possibilidades de ação, são outras formas de vida, são outros modos de existência ainda não normatizados, portanto, extra-norma – elas vêm de fora.

É necessário dizer que o que chamamos “fora” não é algo neutro, um arcabouço intocável que está em outra dimensão, para além das lutas políticas travadas na nossa sociedade. O “fora” é para nós novas formas de sociabilidade que fogem às formas de dominação tradicionais, que pode ser conquistado em “confronto” com as relações de poder que nos sujeitam. Foucault nos tira da dimensão do neutro, do pacífico, do fora do poder. Nesse sentido Foucault nos traz para o “dentro”, para a guerra perpétua, para o palco das lutas políticas em nome da diferença, em nome de estilos diferentes de viver.

As práticas da liberdade são anti-coloniais, pois buscam dissolver identidades, pactos, modelos estabelecido na sociedade. Nesse sentido o “movimento”, a “história” é cheia de choques, de desvios, de destruição, de mascaramentos, de acoplamentos que são como o relâmpago no céu escuro, ou seja, não há uma estabilidade nas relações de dominação e em cada momento são produzidos “foras” pequenos ou grandes que riscam o céu.

Como pensar a liberdade e a ética em Foucault? Ao mostrar que o sujeito é histórico, Foucault quer dizer que em diferentes “períodos” histórico o que chamamos sujeito foi constituído de formas diferentes. Em seus últimos livros - *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, Foucault ressalta que o elemento essencial constituinte do homem grego é a ética (relação consigo). Vejamos nas palavras de Dreyfus e Rabinow:

“Foucault não crê que se possa encontrar algum traço de ‘normalização’ no interior da moral filosófica dos antigos. O gênero da moral era unicamente um problema de escolha pessoal e a razão de se fazer escolha pessoal era a vontade de construir uma bela vida” (Dreyfus e Rabinow, 1995).

Diferentemente do homem antigo o homem moderno, escreve Foucault, é resultado das práticas de poder. Práticas que impedem o exercício da ética, pois impedem essas práticas em relação a si, ou seja, impedem o exercício da liberdade.

O que está em jogo no pensamento Foucaultiano é o problema da diferença, da singularidade frente a identidade, a norma, as relações de poder que nos tornam iguais.

Foucault nos mostra a necessidade de marcarmos nossa singularidade como uma nova possibilidade de vida. Nesse sentido nos escreve Fonseca:

“Essa ética a ser construída, segundo a forma pela qual Foucault a entende, é aquela em que o indivíduo estabelece uma relação consigo mesmo e daí a sua oposição à forma de constituição do poder da norma, onde não há lugar para que essa relação se dê ou, em outros termos, onde não há lugar para a liberdade. Tal ética almeja, assim, o exercício da liberdade. É uma ética do pensamento e da responsabilidade individuais que objetivam tal fim. Desta forma, seu conteúdo se expressa como uma crítica permanente, visando assegurar o exercício contínuo da liberdade” (Fonseca, 2003. p, 145).

Como podemos ver na citação uma ação para ser chamada ética não deve reduzir-se a um ato ou a uma série de atos conformes a uma regra, uma lei ou um valor. Toda ação ética, é verdade, comporta uma relação com o real no qual ela se realiza e uma relação com o código ao qual se refere. Porém ela implica também certa relação consigo mesmo. Esse processo de construção de si implica necessariamente a crítica constante da norma, das relações de poder.

É nesse sentido que pensamos que as práticas de liberdade são extra-norma. Pois elas vão ao invisível, ao desconhecido, ao fora. Ao mesmo tempo em que as relações de poder criam normas, verdades relativas a um certo estrato, criam possibilidades de rachadura da norma, criam possibilidade de uma “dobra”, de uma outra “forma” de subjetividade ainda não conhecida. Essa relação de poder que é um não-poder é o pensar. Não-poder porque é uma força de resistência que vem de fora da norma vigente dobrando a relação de poder, invertendo a relação de dominação, construindo outro modo de vida; Não-poder porque é um contra-poder.

Podemos dizer que a busca da liberdade e da ética em Foucault necessariamente pede um movimento perpétuo, uma busca incessante pela não-identidade, uma busca incessante pela multiplicidade de relações como possibilidade frente a padronização promovida pela norma, uma busca pelo sujeito que marca sua individualidade dobrando ou criando soluções belas frente a norma. A pergunta Foucaultiana não seria: O que sou? Mas, O que posso ser que não sou ainda? O pensamento Foucaultiano pede o devir.

Nesse sentido, não devemos tomar a teoria Foucaultiana como verdade absoluta, pois ela não está fora das condições históricas que a sustentavam. Devemos utilizá-la como

ferramenta contra as novas máquinas de controle que produzem dominação. Expõe Foucault:

“Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou” (Foucault, 1979. p,71).

O que aprendemos com Foucault é que devemos sempre estar em busca do que não é visível nem dizível nesse momento histórico em que vivemos. Nesse movimento de autoconstrução sempre inacabado, sempre avesso a qualquer identidade, as teorias todas (marxismo, a teoria Foucaultiana, estruturalistas) podem servir desde que não as tomemos como espelho universal da realidade e admitamos que elas não têm senão outra missão a de concorrer, como diz Guattari,

“a cartografia de territórios existenciais - implicando universos sensíveis, cognitivos, afetivos, estéticos etc, -, e isto para áreas e períodos de tempo bem delimitados” (Guattari, 1992. p, 179).

O que aprendemos com Foucault é que as teorias servem para buscarmos o fora, para buscarmos ser o que não somos, para buscarmos outras formas de vida e não para ver até que ponto elas ainda pertinentes na atualidade.

A ética em Foucault não pressupõe uma teoria ética, mas se propõe pensar num mundo no qual o que é comum aos indivíduos não destrói as singularidades que o flexionam a todo o momento. De que forma posso estar sempre flexionado ao infinito, perdido de mim mesmo e, assim, construindo novas possibilidades de vida, novos mundos? A ética Foucaultiana pressupõe uma moral na qual a regra é a transformação da própria regra, ou seja, prega um mundo no qual a diferença é condição para a política. O pensamento foucaultiano, portanto, é um pensamento líquido que toma a si mesmo apenas como uma possibilidade do “fora”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. E trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: este ponto... é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as

mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe; pois tudo isso é a vida e não a morte.”⁴

O que é belo nos escritos de Foucault é que é justamente nesses pontos, onde a dominação parece ser absoluta ou não parece haver dominação, é ali que os poderes estão mais presentes e é ali que a resistência é possível, que é possível a construção de outros valores, de outros enunciados, de outras maneiras de ser. O que tentamos mostrar é que a liberdade, em Foucault, não significa ausência de poder, ou seja, toda relação de poder ao agir, ao construir, ao produzir, ao tentar normatizar as singularidades também deixam escapar, produzem, tornam possíveis singularidades, tornam possíveis outras formas de agir, construir, pensar a vida. Essas novas singularidades são relações de poder que vão se chocar, vão inverter, vão ser invertidas, vão colonizar, vão ser colonizadas pelas relações de poder vigentes. O que chamamos liberdade são essas novas singularidades, essas novas formas de ver e pensar que se constituem enquanto resistência. Percebam que o conhecimento, a liberdade, a verdade não são considerados, por Foucault, conceitos universais. Considerá-los dessa maneira seria cair na velha armadilha da neutralidade. O conhecimento, a liberdade, a verdade são produtos das lutas históricas, portanto, ligadas ao poder. Nesse sentido, ser livre é criar novas possibilidades para agir, pensar e ser.

Percebemos que não é porque a liberdade, a verdade, o conhecimento não são considerados livres de poder que não se deva pensar o conhecimento, a verdade e a liberdade em Foucault. Ao contrário, com ele lembramos que “tudo que é sólido desmancha no ar”, ou seja, é justamente por desconstruir a forma clássica de se pensar esses conceitos que a filosofia foucaultiana se constitui como possibilidade de outra maneira de se viver.

Ao construir esse “fora” Foucault estende as possibilidades de vida. Ele desloca as pedras e faz com que novas forças nos afetem e nos joguem para o limite. Com Foucault aprendemos que devemos sempre estar no limite, que devemos sempre estar em movimento, que devemos nos destruir a todo o instante, que devemos sempre procurar a diferença, devemos promover a todo o instante uma perda de si mesmo. A liberdade em Foucault, a nosso ver, se constitui pela recusa da identidade, veja o que diz Blanchot⁵

⁴ NEGRI, A. Exílio. São Paulo, Iluminuras, 2001.

⁵ Citado em: **Pelbart**, Peter Pál. Vida Capital. *Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003

“[...] Ou se trata de um movimento que não suporta nenhum nome, nem amor nem desejo, mas que atrai os seres para jogá-los uns em direção aos outros, segundo seus corpos ou segundo seu coração e seu pensamento, arrebatando-os à sociedade ordinária”.

A nosso ver o pensamento de Foucault preconiza esse movimento perpétuo. Movimento que busca fazer emergir todas as resistências, todas as singularidades possíveis. Percebam que não se trata de criar regras ou normatizar a singularidade, a diferença ou o que nos escapa, mas justamente fazer surgir a singularidade, a diferença para flexionar, entortar a norma. Trata-se de criar relações nas quais o “Outro” não seja transformado no “Mesmo”, nas quais o “Outro” intervenha a todo o momento. Trata-se de criar relações que são não relações, pois são formadas pela alteridade, estão em constante transformação por causa da alteridade que congregam. Trata-se, portanto, de criar um mundo que é um não-mundo, pois é constituído por um inacabamento constitutivo, por uma exterioridade constitutiva que constantemente o dilui.

REFERÊNCIAS

- Bruni**, J. C. *O Sujeito em Foucault*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, (1989).
- Castro**, Edgardo. *El Vocabulario de Michel Foucault*. 1ª. ed, Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, (2004).
- Deleuze**, G. *Conversações*. Trad: Peter Pál Pelbart, Editora 34, (1998).
- _____. *Foucault*. Trad: Cláudia Sant’Anna Martins; Revisão da tradução: Renato Ribeiro. São Paulo, Brasiliense, (2005).
- Dreyfus**, D & **Rabinow**, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, (1995).
- Fonseca**, M. A. da. *Michel Foucault e a Constituição do Sujeito*. São Paulo. Educ, (2003).
- Foucault**, M. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugalia, (1967).
- _____. *Estratégia, Poder e Saber*. Org. e seleção de textos: Manoel Barros da Motta; Trad: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, (2003).
- _____. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, (1984).
-

Guattari, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo, Editora 34, 1992.

Nalli, M. A. G. *Édipo Foucaultiano*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, (2000).

Negri, A. *Exílio*. São Paulo, Iluminuras, (2001).

Pelbart, P. P. Vida Capital. *Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, (2003).

